

UM PAÍS DOENTE PELO DESCASO

Ministério da Saúde vai repassar ao órgão que combate epidemias apenas um quinto dos R\$ 10 bilhões destinados aos hospitais

André Campos e
Fernanda Melazo
Da Equipe do Correio

A pesar do ministro Adib Jatene ter dito, semana passada, que nunca se fez tanto pela saúde quanto na gestão dele, o Brasil sadio continua sem conhecer o Brasil doente, que não pára de crescer. Prova disso é que a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) permanece sem saber ao certo quantas pessoas contraem doenças infecciosas no país. Embora precárias, as estatísticas também sugerem um quadro preocupante.

“Os tuberculosos estão aumentando, mas não dá para saber os números exatos. Falta dinheiro para coordenação e comando nacional, estadual e municipal”, lamenta Ivanize de Holanda Cunha, técnica da Coordenação Nacional de Pneumologia Sanitária. A maioria dos técnicos da Funasa reconhece que as notificações de malária, leishmaniose, dengue e hanseníase, por exemplo, vêm crescendo a cada ano. E que as epidemias rodam, como um fantasma, as periferias das grandes cidades.

VERGONHA

Nos corredores do sombrio prédio da Fundação Nacional de Saúde sente-se como o reaparecimento de doenças que já foram consideradas controladas envergonham os brasileiros perante ao mundo.

O assunto é tão sério quanto a intoxicação fatal de 52 pacientes numa clínica de hemodiálise em Caruaru (PE). Mas não tem, porém, uma “solução” tão simples quanto o genocídio, em dois meses, de 94 velhinhos da clínica carioca Santa Genoveva, que vai ser fechada.

“O caso é grave. No Mato Grosso do Sul tem rios com enchentes e todas as demais condições favoráveis para a transmissão de leptospirose. Mas as estatísticas do estado dizem que não houve um caso sequer da doença ano passado. Como é que não tem? Não tem é trabalho de notificação”, reclama Elaine Ferraz

Cascardo, uma das coordenadoras do Programa de Controle de Leptospirose.

REAPARECIMENTO

“Reapareceu o cólera, o dengue e aumentou a mortalidade por tuberculose devido a falta de tratamento. Chegamos ao ponto do Rio de Janeiro ser o campeão nacional de casos de tuberculose. Isso sem contar as doenças emergentes como a Aids, que já africanizou”, avalia o deputado e médico sanitário Sérgio Arouca (PPS-RJ).

Para ele, a opinião pública ainda não percebe claramente o teor dramático da reaparecimento das doenças infecciosas no país, em parte, por falta de números que ajudem a retratar a realidade.

A Funasa, por exemplo, não detém nem o índices recentes de mortalidade causadas por essas doenças. Os últimos dados organizados num livro pela fundação são de 1991. O ministério da Saúde alega que problema está na ponta do levantamento, de responsabilidade da secretarias de Saúde estaduais. O resultado desse impasse é o atraso. Esta semana, a Fundação Nacional de Saúde publica enfim as estatísticas de 1992.

ESTATÍSTICAS INVÁLIDAS

Até outubro, o presidente da fundação, Edmundo Juarez, promete colocar à disposição do público, inclusive pela Internet, os números de 93 a 95. “As dificuldades são imensas. Para começar, o Brasil é formado por três continentes, com realidades distintas: o norte, o nordeste e o sul”, pondera o médico paulista.

Mas o esforço dirigido por Juarez — “amigo de Jatene desde 1943” — pode ser em vão. “Estima-se que existam mais de cem cemitérios clandestinos no Brasil. Apenas em Pernambuco, por exemplo, encontramos 37. E cerca de 50% a 60% dos óbitos não são registrados em cartório. Isso invalida de certa forma as análises estatísticas que fizemos até agora”, explica Hélio de Oliveira, coordenador de Informação e Análises da Situação da Saúde da Funasa.

Paulo de Araújo



A hanseníase aumenta no estado do Pará: cerca de cem leprosos vivem em estado de semi-confinamento na colônia João Paulo II, na cidade de Marituba

Para mostrar a dimensão do problema, Hélio lembra da tradição que existe, principalmente, no Nordeste de enterrar no quintal da casa os bebês com menos de um ano.

O Ministério da Saúde pretende repassar à Fundação Nacional de Saúde esse ano cerca de R\$ 2 bilhões, um quinto do montante de verbas destinadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), que vai receber quase R\$ 10 bilhões para distribuir entre os hospitais conveniados.

Das verbas da Funasa, R\$ 492,7 milhões serão gastas no controle de endemias. E desse total, no entanto, R\$ 200 milhões ainda dependem da aprovação no Congresso do imposto para a saúde, o CPMF.

Enquanto o dinheiro não vem, resta reclamar: “Este ano estamos sem dinheiro. Os recursos para a tuberculose, hanseníase e zoonose (doenças transmitidas por animais peçonhentos) estão vinculados à aprova-

ção da CPMF”, relata Ivanize.

“No setor de Saúde, continuamos prisioneiros de uma tríade maldita: no Brasil gasta-se pouco, gasta-se mal e rouba-se muito”, bate Arouca.

AS DOENÇAS

Triste recorde. O Brasil ocupa o segundo lugar do mundo e o primeiro das Américas em número absoluto de portadores de hanseníase, vulgarmente conhecida como lepra. Em 1995 foram detectados 35.906 casos novos. Comparando com os resultados do ano anterior, notou-se um aumento de 10%.

Os casos são tantos que ainda hoje existem colônias de leprosos. A colônia de Marituba, no Pará, é uma cidade habitada apenas por portadores de hanseníase.

“Os países que controlaram essas doenças não investiram só em medicamento como faz o Brasil, mas também melhoraram a situação sócio-

econômica da população”, analisa Conceição Magalhães, médica da Coordenação Nacional de Dermatologia Sanitária.

A tuberculose, por sua vez, é uma doença que costuma atacar as pessoas contaminadas pelo vírus do HIV. Por esta razão, ela está sendo considerada uma doença emergente no mundo todo. “Crescem os números de tuberculosos com Aids”, diz Ivanize.

O problema, no entanto, é saber quantos são os doentes. Ivanize explica que os números da Funasa não mostram a realidade. “Há tempos que a secretaria de saúde do Rio de Janeiro não manda os casos notificados. E nós estimamos que lá existem 15 mil casos novos só neste ano”, afirma.

Ivanize reclama da falta de estrutura das secretarias de saúde dos estados. “Não é o doente que abandona o tratamento. É o tratamento que

abandona o doente”, critica.

A febre amarela também não é doença do passado no Brasil. Em 1995, superando as imensas dificuldades de diagnóstico, quatro casos foram notificados na região amazônica. Dois deles fatais. E só no primeiro trimestre deste ano, sete pessoas contraíram a febre amarela. Todas morreram.

Um técnico da Funasa — que pediu para não ser identificado — revelou que a fundação investiga atualmente um pequeno surto de febre amarela a 22 quilômetros de Manaus, onde nove pessoas teriam sido infectados pelo Aedes Aegyptis, mosquito que transmite também a dengue, outra doença em alta. Segundo a mesma fonte, os novos casos não se tornaram públicos para evitar que a população local entre em pânico. Os mesmo estaria acontecendo em Vitória (ES), com a coqueluche, e em Fortaleza (CE), com a difteria.